

Collor almoça com 50 empresários paulistas mas não faz promessa

SÃO PAULO — Em sua primeira incursão ao mundo do grande empresariado paulista, o candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, conquistou elogios e simpatias entre boa parte de Produto Interno Bruto brasileiro, sem assumir qualquer espécie de compromisso com seus interlocutores. “Não busco o apoio dos empresários porque não estou a fim”, disse Collor à saída de um almoço no Centro Empresarial de São Paulo onde, a convite do presidente da Companhia de Cigarros Souza Cruz, Peter John Rombaut, discursou para 50 empresários.

“Gostei demais do Collor”, afirmou Paulo Villares, o presidente das Indústrias Villares, empresa que emprega 17 mil funcionários e está classificada entre as 40 maiores do país. “Ele é espontâneo e convicto”, complementou depois de ter escutado o discurso do candidato. “Eu gostei do que ele falou”, comentou Wolfgang Sauer, presidente da Autolatina, conglomerado que junta as montadoras de automóvel Volkswagen e Ford. “Collor está no caminho certo”, disse ele, entre sorrisos.

Durante o almoço, ao qual a imprensa não teve acesso, Collor não precisou ser específico nos temas de seu programa de governo para agradar aos comensais. Segundo ele mesmo relatou, abriu o discurso dizendo que não fora buscar apoio, nem esperava recebê-lo gratuitamente. Apon-tou a necessidade de o país retomar o crescimento para sair da crise econômica, combateu os moldes atuais da reserva de mercado para a informática, dando a entender que, se eleito, gostaria de suspender esta medida, defendeu a renegociação da dívida externa em novas bases e afirmou que o país deve receber de bom grado os investimentos do capital estrangeiro.

A palestra do candidato do PRN foi suficiente para que o principal acionista do grupo Gomes de Almeida Fernandes, um dos maiores do setor de construção civil, Carlos Moacyr Gomes de Almeida, comentasse com o presidente do grupo Monteiro Aranha, Olavo Monteiro de Carvalho, que mal acreditava no que estava ouvindo: “Eu não estou no Brasil”, brincou. Ele quis dizer que Collor era um candidato “moderno”, melhor que os demais e capaz de dinamizar a economia brasileira.

“Foi interessante”, classificou Édson Vaz Musa, presidente no Brasil do grupo multinacional Rhodia, cujos interesses espalham-se por vários setores da economia do país. A mesma expressão foi utilizada por Abílio Diniz, presidente do grupo Pão de Açúcar, rede de supermercados que emprega 50 mil pessoas.